

ENERGIA

O CONCEITO



JANSLEY ZECCA

Esta obra não é um mero acumulado de páginas, mas a cristalização de uma longa duração de trabalho e pensamento. Sou Jansley Zecca, formado em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Sou um leitor apaixonado pelo estudo e pela criação filosófica.

A Filosofia atravessou minha vida cedo, como um afeto ainda inominável. Contudo, foi somente durante o percurso acadêmico, no meio da travessia, que o pensamento deixou de ser apenas estudo para tornar-se potência. Compreendi, enfim, a natureza da Filosofia

Não como saber estático, mas como criação de conceitos.

Inicialmente, minha inquietação voltava-se para a rigidez da Filosofia da Ciência e os labirintos da Filosofia da Mente. Posteriormente, fui **capturado pelo estudo do conceito da Informação** e pelas abordagens da Filosofia Ecológica. O que seria, afinal, esse conceito? A informação, desprovida de extensão material no mundo, impõe-se, todavia, como uma realidade absurda e inegável.

Foi esse vislumbre, essa intuição súbita, que me conduziu ao presente momento. **Este livro é o resultado de uma investigação sobre a Energia, não apenas como grandeza física, mas como um conceito filosófico vital.** Por tratar-se de um tema de extrema complexidade, a linguagem aqui adotada busca a máxima clareza possível. O simples é o fio condutor desta obra, permitindo buscar uma Filosofia Autêntica dos nossos tempos que encare a energia como fluxo, imanência e força motriz do real.

Um conceito é uma máquina em eterna criação, é um desejo humano, um instrumento da Filosofia para buscar verdades. Trata-se de uma entidade em constante evolução, uma fábrica de ideias que não conhece limites. Ele surge da essência do desejo humano, do querer, de compreender e de explorar o mundo que nos cerca.

Na jornada do pensamento, o conceito se torna um instrumento fundamental da Filosofia, uma ferramenta hábil que busca as verdades da realidade.

Os conceitos operam como ferramentas vitais. Eles não servem apenas para descrever o mundo, mas para moldar a própria estrutura do pensamento, permitindo-nos navegar por temas de vasta complexidade, como as dinâmicas do Poder ou os mistérios do Amor. É sob essa perspectiva prática que iniciamos nossa investigação. Neste contexto, nosso objetivo é explorar, lapidar e redefinir o que entendemos por Energia.

Para que possamos explorar esse conceito, é necessário, primeiro, trazer à tona o que já sabemos sobre

**O CONCEITO NÃO É
UMA CÓPIA DO REAL,
MAS SUA CRIAÇÃO.**

**A FILOSOFIA NÃO É A
BUSCA PELA VERDADE, MAS
A INVENÇÃO DE CONCEITOS.**



GILLES DELEUZE, 1925

esse fenômeno da vida. Permitam-me, então, apresentar alguns fatos e estudos que lançam luz sobre a complexidade e a amplitude da energia em nosso mundo.

No passado, muitas tradições antigas desenvolveram concepções e teorias sobre a energia, que foram transmitidas e aprimoradas ao longo do tempo.

Na China, a filosofia taoísta (cerca de 200 a.C.) já discutia o conceito de energia vital, denominada qi ou chi. A medicina tradicional chinesa, por sua vez, fundamenta-se no estudo e na manipulação dessa energia para promover saúde e bem-estar.

No hinduísmo, desde os Vedas (aprox. 3000 a.C.), encontramos descrições da energia vital (prana), da energia cósmica (shakti) e de outras manifestações energéticas.

Na Grécia Antiga, filósofos como Heráclito (540 a.C.) e Empédocles (492 a.C.) refletiam sobre os princípios que regem a natureza e a transformação, abordando o papel da energia nos processos de mudança.



Outro grande estudioso do conceito foi Nikola Tesla (1856 d.C.), que se dedicou às pesquisas sobre eletricidade e eletromagnetismo, desenvolvendo diversas tecnologias relacionadas à sua transmissão.

Albert Einstein (1879 d.C.), por sua vez, formulou a célebre equação $E = mc^2$, que relaciona a massa de um objeto à sua energia e abriu caminho para a compreensão da energia nuclear.

Max Planck (1858 d. C.), um dos fundadores da teoria quântica, introduziu o conceito de “quantum de energia”, que é a quantidade mínima de energia que um sistema pode possuir.

David Bohm (1920 d.C.), físico teórico, propôs uma teoria quântica que desafia a visão convencional da causalidade e do determinismo.

Fritjof Capra (1939 d.C.), também físico teórico, escreveu diversos livros sobre as interconexões entre a física moderna, a ecologia e a espiritualidade.

Lynn Margulis (1938 d.C.), bióloga evolutiva que propôs a teoria da endossimbiose, descreveu como as células eucarióticas evoluíram a partir da fusão simbiótica de diferentes organismos.

Toda essa construção ergue-se como uma ponte para alcançarmos novas perspectivas sobre a energia. É chegada a hora de assumirmos nossa condição de Pensadores para estruturar e lapidar esse conceito através da Filosofia. Não buscamos apenas a compreensão te-

órica da energia, mas o entendimento profundo do que ela significa em nossa própria existência.

Para avançarmos, é preciso revisitar as origens. Adentraremos agora na história deste conceito, percorrendo o caminho traçado pela tradição da Filosofia Ocidental. É o momento de investigar como essa ideia nasceu e se transformou ao longo dos séculos até chegar a nós.

De acordo com Aristóteles (384 a.C.), a energia (ou “entelequia”) é vista como um princípio que permite a realização de um potencial latente.

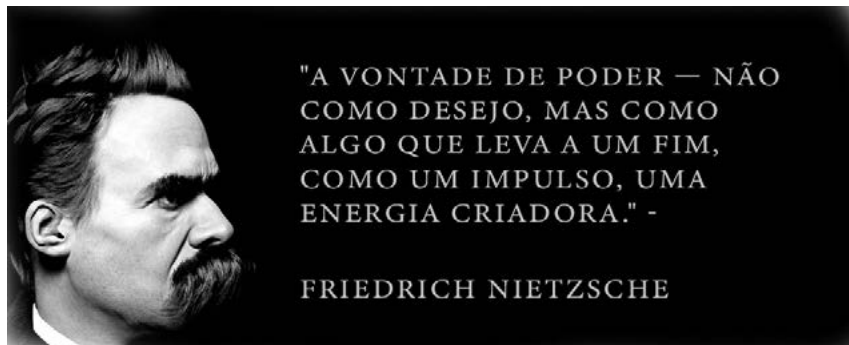
Em outras palavras, é um fator que possibilita a transformação de algo ou a realização de uma atividade que antes era impossível.

Para o filósofo Spinoza (1632), a energia pode ser compreendida como a expressão viva da Substância, termo que ele identifica como Deus ou a Natureza (Deus sive Natura). Essa Substância é infinita e carrega em si todas as causas possíveis dos efeitos que observamos no mundo.

Em sua obra capital, a *Ética*, Spinoza define este conceito fundamental logo na abertura (Parte I, Definição III):

“Por substância entendo aquilo que existe em si e é concebido por si: isto é, aquilo cujo conceito não depende do conceito de outra coisa do qual ele deva ser formado.”

Na filosofia de Nietzsche (1844-1900 d.C.), a energia é vista como uma força vital que impulsiona a vida em direção à sua própria realização. Nietzsche argumenta que essa energia é fundamentalmente “dionisiaca” instintiva e irracional e que é por meio dela que a vida encontra sua verdadeira expressão.



Certamente, tanto Nietzsche quanto Deleuze almejavam uma Filosofia das potências vitais. Mas, para começarmos a elaborar o conceito de energia com solidez, devemos nos debruçar sobre o filósofo francês Henri Bergson (1859). Ele oferece uma contribuição inestimável ao tema e servirá como base fundamental para a construção do nosso conhecimento, especialmente através de sua obra *A Evolução Criadora* (1907).

Para Bergson, a energia é um processo contínuo e irreversível que se manifesta na vida, na matéria e no universo como um todo. Ele argumenta que a energia não deve ser vista como uma entidade separada ou estática, mas sim como um fluxo dinâmico em constante

evolução.

Entendemos aqui um fluxo dinâmico em sua es-

**"A ENERGIA DA VIDA NÃO É
OUTRA COISA SENÃO A
FORÇA IMPULSORA DE UMA
MUDANÇA CONTÍNUA."**

HENRI BERGSON



sência: fluxo porque se move; dinâmico porque é sempre algo novo. A energia nunca é a mera repetição do passado.

Essa ideia dialoga diretamente com Gilles Deleuze em sua obra *Diferença e Repetição* (1968). Para Deleuze, a verdadeira repetição não é a cópia do mesmo, mas o motor que produz a diferença, o novo. A energia, portanto, é a força que impede o universo de ser estático. Como Deleuze aponta:

"A repetição não é a generalidade [...] A repetição é uma conduta necessária e justificada apenas em relação ao que não pode ser substituído. A repetição como conduta e como ponto de vista diz respeito a uma singularidade não trocável, insubstituível."

Ou seja, a cada instante que a energia flui, ela não repete o momento anterior; ela cria uma singularidade insubstituível.

Trazendo algumas suposições, podemos imaginar que toda a vida na Terra é um esforço contínuo de acumular e liberar energia, seja por meio da alimentação ou de outros processos metabólicos. A própria evolução do mundo organizado depende dessa luta constante para obter energia e utilizá-la de modos cada vez mais eficientes.

Quando voltamos o olhar para a natureza, testemunhamos a materialização desse fluxo: a energia se move e se transmuta incessantemente. Ela repousa, latente, nos alimentos, tendo como fonte primordial o Sol. Através da química natural da fotossíntese, as plantas capturam a luz solar e a fixam na matéria.

Cada átomo de carbono organizado pela planta guarda uma porção dessa potência, que será convertida na “moeda energética” da vida: o ATP (Adenosina Trifosfato). É esta molécula que armazena a força química em suas ligações de fosfato. Posteriormente, na respiração, num encontro explosivo e vital com o oxigênio, essa luz estocada é liberada, permitindo que a vida aja, pense e se movimente no mundo.

Nas fronteiras das pesquisas mais recentes sobre o corpo humano, surgem contribuições fundamentais que

"A ENERGIA É A LINGUAGEM UNIVERSAL DO UNIVERSO. ELA FLUI ATRAVÉS DE CADA ORGANISMO, PERMEIA CADA ECOSISTEMA E CONECTA TODOS OS SERES VIVOS EM UMA TEIA INTRICADA DE INTERDEPENDÊNCIA. O AMBIENTE É UMA SINFONIA DE ENERGIAS EM CONSTANTE MOVIMENTO, UMA DANÇA HARMONIOSA EM QUE CADA FORMA DE VIDA DESEMPENHA SEU PAPEL ÚNICO. RECONHECER A ENERGIA COMO O ELO VITAL QUE UNE TODAS AS COISAS NOS INSPIRA A AGIR COM RESPEITO E REVERÊNCIA PELO MUNDO NATURAL. CUIDAR DO AMBIENTE É CUIDAR DA PRÓPRIA ESSÊNCIA DA VIDA, PRESERVANDO A ENERGIA QUE NOS SUSTENTA E GARANTINDO UM FUTURO VIBRANTE PARA AS GERAÇÕES FUTURAS."



FRITJOF CAPRA

ampliam nossa visão do que é a energia viva. Um campo revolucionário é o da bioeletricidade, que investiga a relação intrínseca entre os sinais elétricos e o funcionamento profundo dos organismos.

Nesse cenário, destaca-se a figura de Mustafa Djamgoz, renomado professor de Biologia do Câncer no Imperial College London. Em suas investigações, muitas vezes divulgadas em canais como a BBC, consciente explica que a bioeletricidade no corpo humano não é mística, mas fisiológica. Ela se manifesta como uma corrente de baixa potência, onde uma célula saudável opera com uma carga de aproximadamente 70 milivolts.

Para termos uma base de comparação, uma pilha pequena comum do tipo AA possui em torno de 1.500

milivolts. À primeira vista, a carga humana pode parecer ínfima diante da bateria. No entanto, essa energia é vital. Segundo Djamgoz, é essa voltagem que mantém a célula “ligada” e ordenada; quando essa energia cai, a célula entra em desequilíbrio, abrindo portas para doenças.

Essa visão ganha ainda mais força com o trabalho de Michael Levin, biólogo da Universidade Tufts. Levin vai além e propõe que a bioeletricidade funciona como um “software” que dita a forma do corpo. Para ele, somos moldados por campos elétricos que instruem as células sobre onde crescer e como formar órgãos. A energia aqui não é apenas combustível, mas informação pura que desenha a própria vida.

Complementando essa teia de conhecimento, temos James Oschman, autoridade em medicina energética. Oschman sugere que o corpo possui uma “matriz viva”, uma rede de tecidos conectivos que funciona como um circuito semicondutor de alta velocidade. Para ele, a energia flui por essa estrutura cristalina, permitindo que cada parte do corpo se comunique instantaneamente com o todo.

Assim, seja na voltagem celular de Djamgoz, na modelagem da forma de Levin ou na matriz condutora de Oschman, a conclusão é a mesma: somos seres elétricos em essência.

Podemos pensar a bioeletricidade de duas manei-

ras: ou como um fenômeno restrito ao corpo físico, limitado pela pele, ou como algo que se estende e interage com o mundo exterior. Nesse sentido, a bioeletricidade não é apenas uma força física, mas também um lembrete da profunda interdependência entre o ser humano e o universo.

Ela nos convida a reconsiderar a vida como um todo interligado e dinâmico, em que corpo, natureza e existência se revelam como expressões de um mesmo fluxo dinâmico e energético.

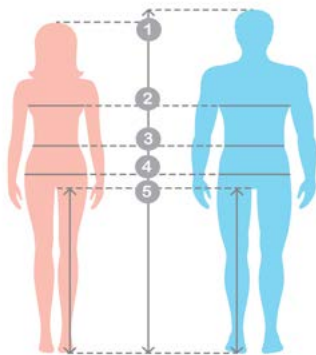


CAPÍTULO 1
O QUE PODE O CORPO?

“Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou...”

Heráclito de Éfeso (535-475 a.C.)

A questão do corpo não é tão evidente quanto parece. Um corpo é, antes de tudo, um mistério. Como bem nos lembra a tradição filosófica, ninguém até hoje determinou o que um corpo é realmente capaz de fazer. Muito se discute sobre suas inúmeras possibilidades nas diversas áreas do saber.



Para a ciência em geral, entende-se como corpo biológico toda a estrutura anatômica. É o organismo humano, delimitado no espaço físico que compreende a área entre os pés e a cabeça. Essa perspectiva permitiu, inegavelmente, uma maior compreensão da máquina viva, lançando luz sobre suas funções bioquímicas, metabólicas e estruturais.

Porém, é necessário sair um pouco do óbvio para avançarmos.

Temos a impressão de que o corpo é apenas um organismo constituído de órgãos, e que isso já seria o

suficiente para explicar sua realidade. Porém, para compreender a existência de um corpo, precisamos partir do pressuposto de que usamos uma parte do próprio instrumento de análise como objeto de estudo ou seja, usamos nosso corpo para estudar o corpo.

Partamos da ideia fundamental de René Descartes (1637): “Penso, logo existo.”

Descartes quis dizer que, quando pensamos, isso prova que estamos vivos e somos reais. Podemos compreender essa ideia refletindo sobre algo tão simples quanto nossa própria existência.

E Agregando-se a construção o filósofo Henri Bergson (1907) acrescenta uma perspectiva intrigante: ele nos lembra que a existência está sempre mudando, é como um rio que nunca para de fluir, ou seja, a realidade que percebemos e compreendemos está em constante transformação.

Bergson sugere que não podemos entender completamente a existência baseando-nos em ideias fixas, pois a vida é dinâmica e está sempre em movimento.

Assim, quando pensamos sobre nossa existência à luz das palavras de Descartes, devemos também considerar a visão de Bergson. Enquanto Descartes nos lembra da importância do pensamento para afirmar nossa existência, Bergson nos convida a reconhecer que essa existência está sempre se transformando, moldada pelas experiências e pelas mudanças constantes ao nosso

redor.

Imagine que a realidade seja como um rio que flui sem parar, mas que nossa mente tende a dividi-la em pequenos pedaços, como fotografias instantâneas. Esses pedaços são o que Bergson chama de “recortes da realidade”. Em vez de vermos o rio como uma corrente contínua, enxergamos apenas partes dele de cada vez. Bergson nos diz que essa maneira de pensar limita

“Existir é mudar, mudar é amadurecer, amadurecer é continuar criando a si mesmo eternamente”

BERSGON 1907

nossa compreensão da realidade. Para ele, a verdadeira compreensão vem da experiência direta e intuitiva, e não da fragmentação da realidade em partes.

Devemos observar e experimentar diretamente a realidade em constante transformação para compreendê-la plenamente.

A reflexão sobre a existência é um tema central aqui. A existência é o fato de estarmos vivos e experimentarmos o mundo ao nosso redor. Cada pessoa é única, como personagens diferentes em histórias distintas. Ou, como diria Nietzsche ao afirmar a totalidade da existência: “Existir é mudança, é criação na própria história.”

Em sua obra *A Evolução Criadora* (L'Évolution créatrice), publicada em 1907, Bergson afirma que a existên-

cia está intrinsecamente ligada à duração temporal. Ele distingue dois tipos de tempo: o tempo matemático, que pode ser medido em unidades fixas, e a duração, que é a experiência subjetiva do tempo, não dividida em partes discretas.

Bergson destaca que o tempo matemático, utilizado pela ciência e pela medida convencional, não captura adequadamente a natureza da existência. Ele enfatiza a importância de compreender a duração pura em uma experiência contínua e fluida que revela outra forma de perceber a realidade.

Assim, para Bergson, o conceito de existir está profundamente entrelaçado com a duração temporal.

E para entender a verdadeira natureza da existência, precisamos apreciar a continuidade e a fluidez do tempo vivido. Para Bergson, o tempo é uma corrente contínua e indivisível; no entanto, nossas mentes tendem a simplificá-lo, dividindo-o em momentos discretos, em minutos contados pelo ponteiro de um relógio. Esses momentos discretos são o que ele chama de “recortes da realidade”.

Em outras palavras, enxergamos a realidade como uma série de instantes isolados, como quadros de um filme, em vez de experimentá-la como um fluxo contínuo.

Precisamos então, superar essa limitação intelectual e buscar uma compreensão mais profunda da reali-

dade através da intuição e da experiência direta, através do corpo e do sentir.

Para Henri Bergson, sentir não é apenas reagir aos estímulos ao nosso redor, como quando tocamos algo quente e retiramos a mão imediatamente. Para ele, sentir vai além disso: é uma experiência interna que envolve todo o nosso ser.

Imagine o sentir como um rio em constante movimento dentro de nós, sempre mudando e fluindo.

Para iluminar essa questão, podemos recorrer a Baruch Spinoza e sua poderosa teoria dos afetos.

Pense na maneira como você percebe o sabor de um alimento ao longo da existência. Quando era criança, talvez sentisse uma forte repulsa por algo amargo, como o café. Naquela época, o encontro entre o seu corpo infantil e a substância do café gerava um desencontro, uma decomposição que percebíamos como gosto ruim.

No entanto, à medida que você cresceu, seu paladar mudou e seu organismo se fortaleceu. Hoje, talvez você aprecie profundamente esse mesmo sabor. O café permaneceu o mesmo, mas você não.

Isso ilustra perfeitamente o pensamento de Spino-

“O pensamento consome-se no ato de exprimir o que pensa. Só nos intervalos de silêncio ou de sono é que as imagens, ora verbais ora não, que falam de pensamento se formam ou reconstituem.”

Matéria e Memória 1896 Bergson

za: nossas sensações evoluem porque o próprio corpo não é uma estátua fixa, mas um modo em constante variação. O que chamamos de sentir é, na verdade, a capacidade do corpo de afetar e ser afetado pelo mundo. Assim, percebemos que corpo e sentimento são processos vivos que se transformam continuamente à medida que vivemos, experimentamos e aprendemos.

Bergson nos lembra de estar abertos a essas mudanças, de sermos sensíveis às experiências diretas e à intuição. Somente assim podemos compreender verdadeiramente o que significa “sentir”. Ele nos convida a perceber que nossas sensações não são estáticas, mas parte vital de quem somos, sempre em fluxo, sempre nos transformando.

O que muda já não é mais o mesmo: células, animais, pessoas, planetas, tudo está mudando a todo momento. Vivemos em um corpo que nasce, muda e morre. Mudar faz parte do ciclo natural da vida: adaptamo-nos a novas ideias, criamos novas teorias, mas jamais deixamos de mudar.

Podemos perceber que o corpo desempenha um papel crucial na expressão do pensamento. As palavras faladas, os gestos e as expressões faciais são todas mani-

“O pensamento é o ensaio da ação”

Assim Falou Zaratustra - 1883

Nietzsche

festações físicas do pensamento. O corpo não é apenas o veículo que transporta o pensamento, mas também a ferramenta que dá forma e substância às ideias.

Por exemplo, quando alguém está profundamente envolvido em um processo de pensamento, pode apresentar diversas expressões corporais, como franzir a testa, sorrir, gesticular ou mesmo permanecer imóvel em concentração. Essas manifestações físicas ilustram como o corpo é intrínseco à expressão e à materialização das ideias.

Assim, a relação entre pensamento, expressão e corpo destaca a complexa interconexão entre eles, enfatizando que o ato de pensar não é uma atividade separada do corpo, mas uma experiência integral que envolve ambos.

Em uma análise da evolução do pensamento filosófico sobre o corpo, podemos destacar a mudança de perspectiva da Antiguidade à Modernidade, com ênfase na crítica de Espinosa à visão dualista, segundo a qual corpo e mente são separados.

Para Espinosa, o corpo não é apenas um recipiente passivo, mas uma força ativa na formação da mente.

Agregando-se a esse pensamento, Deleuze enfatiza a necessidade de transcender visões tradicionais que menosprezam o corpo, para reconhecê-lo como uma fonte rica de relações e potencialidades.

A filosofia de Espinosa, reinterpretada por Deleu-

ze, desafia noções preconcebidas sobre a natureza do corpo, ilustrando como ele é central para a experiência humana.

Essa visão desafia a separação convencional entre mente e corpo, destacando a interconexão dinâmica entre os dois. O corpo, entendido como um campo de intensidades e potencialidades, torna-se uma fonte ativa de pensamento, influenciando e moldando sua própria natureza.

Antonin Artaud (1896–1948), visionário dramaturgo, ator e diretor de teatro francês, introduziu a ideia do “corpo sem órgãos”. Suas propostas radicais buscavam escapar das normas sociais e desafiar as estruturas que limitam a expressão humana. Ele instigou a busca por uma liberdade total, quebrando barreiras físicas e psicológicas, propondo um corpo não definido por funções específicas, papéis sociais ou identidades fixas.

Sua obra desafiadora continua a inspirar uma reavaliação das normas estabelecidas na arte e na vida.

Ao conceber o corpo sem órgãos, Artaud busca uma forma de expressão artística que vá além das limitações convencionais do teatro e da linguagem.

Ele propõe um estado de desorganização e intensidade, no qual o corpo possa explorar sua multiplicidade, suas potencialidades e suas forças não domesticadas.

Essa abordagem visa criar um tipo de teatro visceral, imprevisível e transformador, capaz de romper com

as expectativas do público e provocar uma experiência profunda e impactante.

A estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetados

*Espinosa e o Problema da Expressão -
Deleuze 1968*

Na interpretação de Deleuze e Guattari, o corpo sem órgãos torna-se um conceito mais amplo, aplicável não apenas à arte, mas também à vida cotidiana. Eles destacam a importância de desmontar as estruturas e hierarquias estabelecidas, permitindo uma multiplicidade de expressões e conexões. O corpo sem órgãos, nesse sentido, representa a busca por uma existência mais intensa e autêntica, livre das restrições impostas pela sociedade e pelas convenções normativas. Ou, como coloca Nietzsche: "A sociedade doma o lobo em um cão. E o homem é o animal mais domesticado de todos."

O corpo deixa de ser visto como um simples receptáculo da mente e se torna um agente ativo na produção de pensamentos, expandindo as fronteiras convencionais da consciência. Essa abordagem desafia as noções tradicionais e convida a uma compreensão mais complexa e integrada da relação entre corpo e pensamento.

Então, o que exatamente um corpo pode fazer? O

corpo que dança, que joga, que sorri, que chora, que expressa, que se transforma a todo momento.

Pode um corpo ser mais do que vemos? Será que temos subestimado suas capacidades? Talvez estejamos restringindo o corpo com base no contexto cultural atual.?

Estamos limitando nossas ações? Até onde podemos ir? Essas são perguntas que surgem no final desse escrito sobre o corpo, começaremos agora a falar sobre o ambiente

“ESTA DECLARAÇÃO DE IGNORÂNCIA É UMA PROVOCAÇÃO: FALAMOS DA CONSCIÊNCIA E DE SEUS DECRETOS, DA VONTADE E DE SEUS EFEITOS, DOS MIL MEIOS DE MOVER O CORPO, DE DOMINAR O CORPO E AS PAIXÕES - MAS NÓS NEM SEQUER SABEMOS DE QUE É CAPAZ UM CORPO”
PORQUE NÃO O SABEMOS, TAGARELAMOS.
COMO DIRÁ NIETZSCHE, ESPANTAMO-NOS COM A CONSCIÊNCIA, MAS “O QUE SURPREENDE É, ACIMA DE TUDO, O CORPO



(DELEUZE, 2002, P. 23-24)

CAPÍTULO 2

O AMBIENTE



Na física clássica, o ambiente é frequentemente traduzido como espaço. Este é um conceito necessário, uma ferramenta mental que utilizamos para formalizar e estudar a realidade racional na qual habitamos. Para a ciência tradicional, o espaço é como um palco neutro e mensurável onde as coisas acontecem.

O ambiente existe, de fato. Ele compreende corpos, elementos e formas variadas. Contudo, é o nosso próprio corpo que realiza um recorte estratégico nessa realidade. É o nosso olhar que nos apresenta um mundo material sólido, múltiplo e cristalizado. Vemos formas estáveis porque precisamos de estabilidade para viver.

No entanto, por detrás desses recortes utilitários e dessa solidez aparente, existe outro ambiente. Há uma realidade fluida que pulsa antes de ser congelada pela nossa percepção.

Temos a necessidade de perceber o ambiente de forma autêntica, sem a influência de nossos preconceitos ou visões limitadas. Em vez de vê-lo como uma realidade fragmentada e cristalizada devido aos recortes da percepção, devemos reconhecê-lo como algo interligado e dinâmico, semelhante ao nosso próprio corpo. O ambiente, assim como o corpo, é composto por elementos e formas que se entrelaçam em uma rede complexa e contínua.

Quando falamos em ambiente, estamos falando de possibilidades. Possibilitar é algo inerente ao ambiente. Mesmo que possamos acreditar que o corpo

é algo separado dele, essa crença se desfaz quando pensamos que o ambiente de um piolho pode ser a sua cabeça, ou seja, um corpo também é um ambiente.

O ambiente não é apenas um espaço físico externo, mas também inclui o próprio corpo e suas relações. Nesse contexto, o ambiente representa um campo de possibilidades em constante interação com o corpo. Se o corpo e o meio formam um sistema único, podemos dar um passo ainda mais audacioso: o ambiente não é um palco neutro e inerte.

Ele atua quase como uma propriedade relacional do próprio objeto ou organismo. Um não existe sem o outro. A água de um rio só se configura como um 'ambiente de nado' porque existe a propriedade da nadadeira no peixe. O ambiente só ganha contorno, significado e realidade a partir das propriedades do corpo que o habita e da energia que os atravessa simultaneamente. O objeto não está 'dentro' do ambiente; ele é a outra metade da mesma moeda.

“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. / Mas ninguém diz violentas as margens que o oprimem.”

Bertolt Brecht

CAPÍTULO 3

O CORPO NO AMBIENTE



Para compreendermos o corpo em sua totalidade, é imperativo nos abirmos para uma forma menos exata e menos tangível. O corpo não é um elemento isolado ou estático. Ele é uma relação complexa e atuante, intrinsecamente conectada ao que chamamos de Virtual.

O virtual comporta se como uma nuvem invisível, todavia absurdamente real. Para ilustrar essa ideia, considere o exemplo da realidade virtual e dos jogos digitais contemporâneos.

Imagine um ambiente simulado através de óculos de VR. Ali, os jogadores encontram se imersos em um cenário que aparenta ser sólido, cheio de profundidade e consistência. Eles reagem como se as paredes fossem duras e os abismos fossem reais. Contudo, tudo o que experimentam é uma representação, um fluxo de dados interpretado por um computador.

Podemos traçar um paralelo direto dessa experiência com a nossa própria percepção da existência. Assim como os jogadores acreditam habitar um mundo coeso enquanto jogam, nós também navegamos por um universo que nos parece estável e maciço. No entanto, essa solidez é uma ilusão funcional. A realidade em si é incommensuravelmente mais abstrata, fluida e complexa do que percebemos.

Nossa mente e nossos sentidos agem como o processador desse jogo. Eles interpretam o caos das informações sensoriais e criam uma simplificação habitável.

O que vemos não é a realidade crua, mas uma imagem simples e organizada, moldada exclusivamente para atender às nossas necessidades de sobrevivência e ação na vida cotidiana.

Até mesmo os aparelhos de captura da vida, os nossos sentidos, exercem uma função dominante e seletiva. Gilles Deleuze nos alertaria aqui sobre a armadilha da representação. O que é valorizado e destacado do ponto de vista da percepção habitual do corpo é exatamente o aspecto sólido e estático.

Nós privilegiamos o sólido porque ele nos oferece a ilusão de permanência. Em contrapartida, relacionamo-nos com o líquido e com o gasoso, mas eles são frequentemente subestimados ou subordinados ao império da imagem figurativa. Para a nossa percepção treinada, o real precisa ter bordas, peso e contorno definido. Tudo o que flui é visto apenas como um intervalo entre duas formas sólidas.

Nesse sentido, nossos órgãos funcionam como filtros que reduzem a complexidade do mundo para que possamos habitá-lo.

Até mesmo os aparelhos de captura da vida (os sentidos) são dominantes. O que é valorizado e destacado do ponto de vista da percepção do corpo é exatamente o aspecto sólido. Relacionamo-nos com o líquido e com o gasoso, mas eles são subestimados ou subordinados ao aspecto da imagem figurativa, ao recorte do sólido.

Nesse sentido, os acontecimentos podem ser percebidos por meio de nossos órgãos sensoriais: os ouvidos, que percebem sinais sonoros; os olhos, que captam sinais de luz; o olfato, que distingue odores; e o tato, que reconhece corpos.

Dessa afirmação, é possível discernir algumas diferenças entre os órgãos de percepção, por exemplo, o tato, que sente coisas sólidas ou até mesmo macias ou fluidas, mas não se relaciona muito com o gasoso. Os olhos tendem a se acomodar às imagens vistas; o olfato, às emanções voláteis; e o som, de certa forma, nos remete não apenas a um campo fluido, mas também a um campo de afetos. Se fizermos bom uso disso, comecemos a distinguir vários níveis de percepção e de realidades afetivas.

Para compreender verdadeiramente o corpo em sua essência, é necessário adquirir um conhecimento aprofundado, uma compreensão inerente ao próprio corpo. É preciso aprendê-lo.

Seguindo a perspectiva de Spinoza, podemos entender o corpo como algo vital e essencial, longe de ser uma mera essência ou base para uma forma. Ele é uma força autônoma, uma realidade repleta de possibilidades concomitantes. Não devemos encarar nossos corpos, mentes ou quaisquer meios de existência como entidades distintas. Neste contexto, a inteligência racional, ou seja, a capacidade racional de pensar e conceituar, re-

apresenta apenas uma faceta da totalidade corpo-mente. Ela emerge posteriormente, após a existência dessas realidades subjacentes. Em outras palavras, a inteligência racional é uma manifestação de um substrato mais fundamental e primordial.

Podemos ilustrar essa ideia com a experiência de um músico talentoso tocando piano. Quando o músico está imerso na música, não está apenas pressionando teclas aleatoriamente, está profundamente conectado ao instrumento. Sua mente e corpo estão em perfeita harmonia, respondendo às nuances das teclas, dos movimentos e dos sons. Nesse momento, a inteligência do músico não se limita a uma função cerebral abstrata, mas é uma manifestação da totalidade entre corpo e mente.

Para Henri Bergson, sentir é mais do que simplesmente reagir a estímulos: é uma jornada de descoberta contínua. Mesmo que tenhamos experimentado algo semelhante no passado, cada sentimento é único, uma inovação do momento presente. Essa é a essência do sentir para Bergson: a capacidade de encontrar novidade em cada instante, mesmo que pareça familiar. É a inovação do sentir, sempre presente no agora, que torna cada experiência única e valiosa.

À luz da extraordinária complexidade do corpo humano, é intrigante questionar até que ponto realmente compreendemos todas as suas potencialidades. Consi-

deremos, por exemplo, a notável plasticidade cerebral: estudos revelam que o cérebro pode se adaptar e reorganizar suas conexões em resposta a novos estímulos e desafios, possibilitando habilidades surpreendentes de aprendizado e recuperação após lesões.

Além disso, a capacidade de atletas de alto desempenho nos proporciona vislumbres do que o corpo humano pode alcançar. Recordes mundiais continuam a ser quebrados em diversas modalidades esportivas, desafiando as fronteiras do que se acreditava ser humanamente possível.

Porém, mesmo diante desses feitos impressionantes, permanece a questão: até onde vai o potencial do corpo humano? Há áreas ainda inexploradas, como a compreensão da mente e do corpo em estados meditativos profundos, onde se acredita residir um vasto território de capacidades ainda não completamente desvendadas. Em nossa busca por compreensão, é possível que estejamos apenas vislumbrando o início de uma jornada fascinante rumo ao entendimento pleno do que um corpo é capaz de realizar.

O que faz a Natureza ser o que é? O que sustenta a estrutura da realidade? O que produz a existência ou, indo mais fundo, o que é exatamente existir?

O real apresenta-se como um tecido sólido. Ele existe de forma independente, indiferente aos nossos juízos de valor, não precisando que anexemos fenômenos ou

rejeitemos imaginações para validar sua presença.

A percepção, longe de ser apenas uma ciência exata ou um ato deliberado de vontade, atua como o substrato fundamental. É sobre esse solo que todos os nossos atos se destacam e ganham contorno, pois a percepção os pressupõe antes mesmo de agirmos.

O ambiente, portanto, não é um objeto passivo cuja lei de constituição nós possuímos ou controlamos. Pelo contrário, ele é o meio natural e o campo fértil de todos os pensamentos e de todas as percepções explícitas. Ele é a condição de possibilidade. Em suma, o ambiente é aquilo que permite que a vida aconteça.

A existência humana, qualquer que seja sua intenção, é um efeito. Conforme Spinoza, esse efeito não é meramente um produto, mas uma dimensão em que a efetuação é um elemento maquinador e desejante, não um mero resultado.

Importante notar que não há corpo ou modo de existência separado de suas potências criativas. Qualquer tentativa de separar o corpo de suas potências seria equivalente a uma visão mecanicista da vida.

Em seu livro *A Lógica do Sentido*, Deleuze (1988) expressa que há algo no acontecimento como afirmação de atuação no mundo. A forma como nos relacionamos com o acaso pode extrair do acontecimento algo esplêndido, eterno e neutro.

O acontecimento, para Deleuze, está associado à

multiplicidade. Ele se afasta da ideia de eventos como entidades isoladas e destaca a multiplicidade de conexões que um acontecimento pode gerar. Cada acontecimento é singular e não pode ser reduzido a uma generalização única.

O acontecimento está interessado nas potencialidades e virtualidades que algo carrega consigo; não são simples repetições do mesmo, mas envolvem diferenças que produzem singularidades. A repetição, para Deleuze, não é mera repetição idêntica, mas uma repetição que gera variação e cria novas possibilidades.

A capacidade de fazer essa distinção nos permite apreciar a diversidade das experiências humanas e enriquecer nossa compreensão da vida.

A afetividade se manifesta na relação entre corpo e ambiente. O ambiente é fundamental, necessário à vida de um organismo. O corpo está sempre localizado em um ponto geográfico e não é corpo sem ambiente.

Diria Bergson que a primeira e mais nítida dessas ilusões “consiste em acreditar que é possível pensar o instável por intermédio do estável, o movente por intermédio do imóvel”; ou seja, idealizar uma realidade com aparelhos mecânicos é idealizar uma ilusão. Atuamos em um ambiente já recortado pelo nosso corpo cinematográfico; a realidade seria observar o ambiente sem essa máscara do recorte, percebendo-o como algo inerente aos corpos.

CAPÍTULO 4

AMBIENTE NA CONSCIÊNCIA



Até o presente momento, exploramos a arquitetura do corpo, a mecânica dos sentidos e a maneira como habitamos o ambiente. Contudo, para darmos o próximo passo com segurança, precisamos fundar nosso pensamento em uma base sólida, a qual chamaremos de Filosofia Ecológica.

Essa abordagem é essencial porque rompe definitivamente com a velha visão de que somos observadores isolados dentro de uma caixa craniana. A Filosofia Ecológica nos convida a perceber que não existe uma barreira intransponível entre o organismo e o meio. Pelo contrário, existe uma continuidade absoluta.

Historicamente, a filosofia ecológica surge como um campo de reflexão vigoroso nas últimas décadas do século XX, em resposta às múltiplas crises sociais e existenciais que marcaram a modernidade. Seu desenvolvimento intensifica-se a partir dos anos 1970 e 1980, florescendo na Europa e encontrando um solo fértil na América Latina. Ela nasce como um desdobramento crítico das ciências ambientais e das filosofias da natureza, incorporando influências da fenomenologia, da ética, da antropologia e das cosmologias não ocidentais.

No cenário brasileiro, essa perspectiva ganha contornos de rigor científico através de autores fundamentais ligados a grandes centros de pesquisa, como a UNESP e a UNICAMP. Referimo-nos aqui aos trabalhos seminais de Michel Debrun, Maria Eunice Gonzalez, Ma-

riana Broens e Moraes.

Na visão desenvolvida por esses pensadores, rompe-se com a tradição dualista que separa sujeito e objeto, mente e natureza, cultura e vida. A consciência, nesse campo filosófico, não é mais pensada como uma entidade interior, isolada ou autossuficiente. Ela não tem lugar no espaço físico, porque a consciência não é uma coisa. Ela é relação. Ela é um campo de interações. Ela é o efeito de uma tessitura viva entre múltiplos elementos.

Em suma, a filosofia ecológica propõe uma visão sistêmica da natureza. Ela argumenta que organismos e ambiente formam um sistema dinâmico e complexo. Esse sistema, governado por leis ecológicas, vai de encontro às leis mecanicistas propostas pelas teorias filosóficas clássicas. Aqui, os organismos estão situados em um ambiente informacional onde a ação desempenha um papel fundamental.

Mas o que é exatamente essa informação? Para compreendermos a informação em sua potência máxima, precisamos abandonar a ideia superficial da era digital. A informação não é composta apenas por bits e bytes dentro de um computador.

Se a energia é a força vital que permeia a realidade, o fluxo incessante que discutimos através de Spinoza e Bergson, o que dá direção a essa energia? O que impede que o Universo seja apenas um caos de forças colidindo cegamente? A resposta reside em um conceito que exi-

ge tanta lapidação filosófica quanto a própria energia: a Informação.

Para isso, apoiamo-nos na Filosofia Ecológica, uma vertente epistemológica vigorosa desenvolvida a partir de pensadores como James J. Gibson e aprofundada no Brasil por pesquisadores de vanguarda como Maria Eunice Quilici Gonzalez, Mariana Broens e Michel Debrun (UNESP/UNICAMP).

A Filosofia Ecológica rompe com o velho dualismo de Descartes, a crença de que a mente é uma entidade separada que “lê” um mundo material passivo. Nessa perspectiva, corpo e ambiente formam um sistema único e indissociável. E o que conecta esse sistema, o que flui entre o organismo e o meio, é o que chamamos de Informação Ecológica.

Diferente da teoria matemática da comunicação, a informação ecológica não é algo que o cérebro precisa “decodificar” como se fosse um computador processando dados. A informação está espalhada pelo próprio ambiente, manifestando-se através de padrões e invariantes que estruturam a realidade. Ela não é algo que possuímos, mas algo com o qual nos relacionamos.

O conceito central que traduz essa dinâmica é o de Affordances (termo cunhado por Gibson). As affordances são as possibilidades de ação que o ambiente oferece a um organismo específico.

Para ilustrar: a superfície de um lago oferece a affordance de sustentação para um inseto como o alfaíate (que caminha sobre a água), mas oferece a affordance de submersão para um ser humano. O lago é o mesmo. A energia presente na matéria da água é a mesma. No entanto, a informação que o ambiente emite muda drasticamente de acordo com o corpo que interage com ele. A informação é, portanto, relacional. Ela nasce no exato ponto de encontro entre a potência do corpo e as oportunidades do ambiente.

Aqui, os nossos dois grandes conceitos se encontram de forma avassaladora. Lembre-se da bioeletricidade celular e de como a vida busca constantemente gastar e acumular força. A Energia é o motor primário, a vitalidade (o élan vital de Bergson), a força motriz que impulsiona a existência. Mas a energia, por si só, é uma potência bruta. Ela precisa de um molde, de uma direção.

A Informação Ecológica atua como o “software” orgânico da realidade (Essa dinâmica dialoga diretamente com as descobertas da biologia contemporânea, especificamente com a tese do biólogo Michael Levin. Em suas pesquisas no Allen Discovery Center da Universidade Tufts, Levin propõe que o DNA não é o construtor final do corpo, mas apenas o fornecedor do ‘hardware’ celular (as proteínas). A Informação Ecológica, manifestada através das redes bioelétricas, atua como o verdadeiro

'software da vida' (software of life). É essa camada de informação processada em rede que instrui a matéria, fornecendo o código morfogenético que dita como as células devem se organizar, se reparar e tomar decisões anatômicas."). É a informação do ambiente que diz à semente a direção exata para onde as raízes devem crescer para encontrar água. É a informação que permite que a revoada de pássaros se auto-organize no céu, sem nenhum líder central (como brilhantemente explorado por Michel Debrun em seus estudos sobre auto-organização).

A percepção e a ação são um ciclo contínuo: nós percebemos a informação no ambiente para agir, e a nossa ação gera novas informações. Nesse ciclo, a energia é o combustível inesgotável, enquanto a informação é o mapa que se desenha a cada passo.

Sem energia, a informação é estática, sem vida, incapaz de se atualizar no mundo real. Sem informação, a energia é apenas entropia, um caos cego que queima sem propósito. Juntas, elas formam a teia inquebrável do que chamamos de Vida: o corpo agindo, o ambiente respondendo, e a consciência emergindo dessa fricção contínua.

Affordances são como as oportunidades que o ambiente oferece a um ser vivo. Elas definem a relação entre um organismo e o mundo ao seu redor. Quando aprendemos a interagir com um objeto, tiramos infor-

mações sobre ele e atribuímos significado, estamos usando affordances.

Imagine o mundo como um grande quebra-cabeça, onde cada organismo tem seu próprio conjunto de peças que se encaixam perfeitamente em seu nicho ecológico. Um pássaro tem suas próprias affordances, como galhos para pousar e ninhos para se abrigar, enquanto os humanos encontram conforto em cadeiras e mesas. Essas affordances moldam a maneira como vivemos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

A filosofia ecológica nos convida a mergulhar nas profundezas do mundo, além das aparências superficiais dos objetos. Não se trata apenas de observar a textura de uma rocha ou a cor de uma flor, mas de entender as oportunidades que esses objetos oferecem aos seres vivos. É como se cada objeto, cada recanto do ambiente, sussurrasse convites secretos aos organismos que o habitam.

Assim, quando um pássaro encontra um galho adequado para pousar ou um ser humano se acomoda em uma cadeira confortável, eles estão respondendo a esses padrões auto-organizados que guiam ações e interações dos organismos, moldando suas vidas de maneira única e significativa. É como se a natureza tivesse sua própria linguagem, e os organismos, intuitivamente, soubessem como dançar conforme suas melodias, criando uma sinfonia de vida em constante evolução.

A filosofia ecológica empreende uma exploração profunda da mente e da consciência, adotando uma abordagem que reconhece os organismos como entidades inteligentes. Essa perspectiva proporciona uma estrutura conceitual que permite aos organismos interagir com o mundo como se este fosse compreensível. Sob essa ótica, a realidade ecológica é interpretada como intrinsecamente significativa, e seus significados são acessíveis às diversas espécies por meio do ambiente que as cerca.

No âmbito dos fenômenos mentais, a emergência ocorre a partir da interação complexa de várias dimensões, desde os níveis celulares até o ambiente em que estamos inseridos. Estamos diante de um sistema altamente intrincado, envolvendo o cérebro, o corpo, o ambiente físico, bem como elementos sociais e culturais, entre outros. Na filosofia ecológica, essa interação é vista como uma relação concomitante, dando origem ao princípio da reciprocidade, que implica uma causalidade circular. Neste contexto, uma causa precedente produz um efeito subsequente, que, por sua vez, retroage e afeta a causa original de forma simultânea.

Um exemplo elucidativo desse fenômeno é a dinâmica entre um pai e seu filho. A interação entre os dois é bidirecional: o pai influencia o filho, que, por sua vez, modifica o pai, criando um ciclo contínuo de transformações mútuas. Essa relação é caracterizada como cau-

salidade circular, um conceito que emerge por meio do fenômeno da auto-organização. Pensadores como Debrun (1996) e Gonzalez (1998; 2003) o destacam como um processo espontâneo que surge de elementos diversos que interagem, gerando novas formas de organização sem a necessidade de um líder central para coordenar todo o processo.

A filosofia ecológica revela um intrigante princípio de auto-organização presente nas interações entre elementos genuinamente distintos e independentes. Esse fenômeno ocorre sempre que esses elementos verdadeiramente diversos se encontram e interagem, sem a necessidade de um controlador onipotente. Nesses encontros, desenvolve-se uma nova dinâmica que leva à formação de novas “formas” ou à reestruturação e complexificação de formas já existentes.

Um exemplo fascinante disso é observado nas revoadas de pássaros. Nesses momentos, não há um líder específico entre eles. Em vez disso, há um intercâmbio constante de direções, influenciado pelo vento, pela experiência dos mais velhos e pela curiosidade dos mais jovens. O grupo que emerge no centro parece quase vazio de uma organização centralizada. Não estamos mais diante do comportamento individual de cada pássaro, mas sim de um conjunto agindo espontaneamente, sem a necessidade de um centro organizador fixo.

Já constatamos que corpo e ambiente não existem

isoladamente. Jamais presenciamos um corpo desprovido de um ambiente, nem ouvimos falar de um ambiente que não fosse habitado por algum corpo. As formas de relação entre ambos são diversas e essas ações tornam-se possíveis, muitas vezes, pelo uso da consciência. Podemos defini-la como a percepção imediata do sujeito sobre o que se passa dentro ou fora dele.

A consciência é, de fato, algo intrínseco ao corpo. Mas do que é constituída essa consciência?

Se a fome é um afeto do estômago quando estamos famintos, será que a consciência segue a mesma premissa lógica? Seria correto afirmar que a consciência é apenas um fenômeno localizado no cérebro, no corpo ou até mesmo no coração? A grande questão que enfrentamos aqui é compreender a substância do que chamamos de consciente.

Para amarrar esses nós, precisamos resgatar a bioeletricidade celular que investigamos no início desta jornada. Quando observamos a voltagem basal de 70 milivolts nas células saudáveis estudada por Mustafa Djamgoz, ou o “software da vida” mapeado pelas redes elétricas de Michael Levin, estamos tocando na face material de um mistério muito maior. Essa atividade elétrica do corpo não é a origem mecânica do pensamento, mas sim a “sombra física”, a atualização palpável de uma força virtual. O campo bioelétrico atua como o ponto de fricção exato onde o imaterial se traduz em

matéria densa. A consciência, portanto, não é um fantasma isolado no cérebro, mas o efeito desse circuito invisível onde a informação ecológica e a energia pura se encontram.

Neste ponto, guiaremos nossa investigação pela ideia de um corpo que se manifesta em um campo não material. Trata-se de uma extensão. É uma dimensão que nos conduz ao virtual e que, embora não exista fisicamente como matéria densa, é absurdamente real.

Precisamos compreender essa fronteira onde a matéria cessa e a potência começa. A própria palavra virtual provém do latim medieval *virtuale*, derivada de *virtus*. Ela não significa o oposto de real. Ela se relaciona diretamente com os conceitos de virtude, de força e, acima de tudo, de potência.

O virtual situa-se mais no campo da abstração do que no da concretização. Percebe quando falamos em potência? Não estamos nos referindo à força, pois esta está mais associada ao campo material. A potência, por sua vez, é a capacidade de ser, de realizar-se. Sendo assim, desde o início, a palavra está ligada àquilo que não é material.

Ao mesmo tempo, o virtual é parte essencial de uma entidade e de sua determinação. Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência, e não em ato, ou seja, o campo de forças que tende a resolver-se em uma atualização. Filosoficamente falando,

o virtual é, evidentemente, uma dimensão fundamental da realidade.

Não existe nenhum objeto que seja exclusivamente atual. Esse objeto, coisa, essa singularidade atual é cercada por uma nuvem de virtualidades. Nesse campo do virtual, as possibilidades que o envolvem não são estáticas, elas próprias são capazes de gerar e produzir novas virtualidades.

Desta forma, ao mesmo tempo, essas virtualidades interagem com o que é atual, influenciando-o e sendo influenciadas por ele. O virtual é, portanto, o campo da incerteza, da inconstância, da movimentação, da possibilidade e, portanto, da criação.

O que é, afinal, a sua lembrança? Ela é um espelho virtual do que aconteceu. É uma espécie de duplo, uma representação. Quanto mais você se afasta desse espelho, mais a lembrança vai se transformando, criando outras imagens, outras fantasmagorias. Dentro dessa imagem mental, aquilo que você recorda se enche de virtualidade, até se tornar o que hoje habita sua mente.

Quando você acessa uma lembrança, o que realmente alcança é a memória, não mais o acontecimento em si, mas a virtualidade dele.

Diferente da realidade, o virtual é invisível, mas nem por isso menos potente. Aliás, a potência é uma das características essenciais do virtual.

Quando você acessa uma lembrança, o que real-

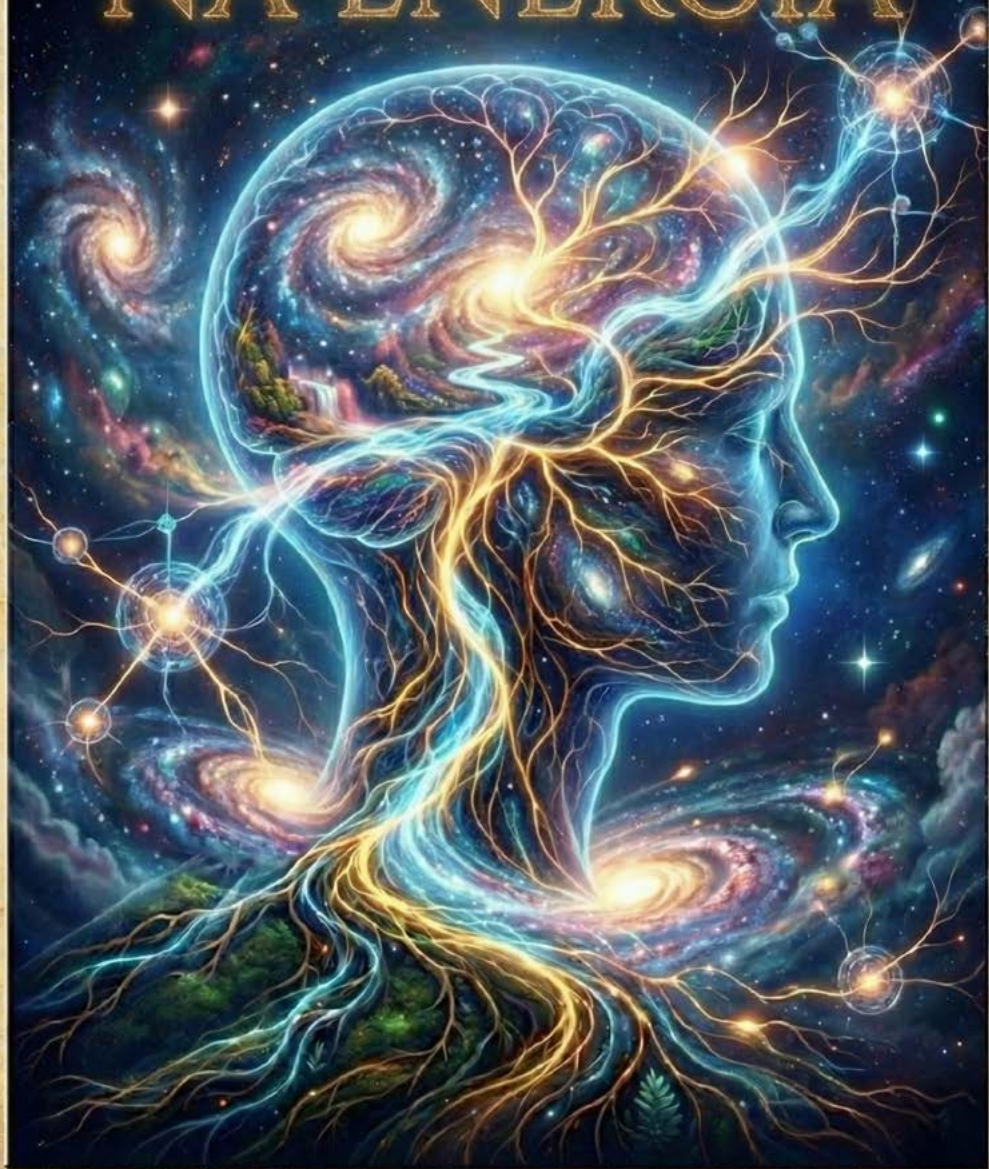
mente alcança é a memória. Não se trata mais do acontecimento físico em si, mas da virtualidade dele.

Ao contrário da matéria densa, o virtual é invisível. Contudo, nem por isso ele é menos efetivo ou menos real. Aliás, a potência é uma das características essenciais do virtual. É aquilo que não precisa ter corpo físico para causar efeitos no mundo.

É neste ponto que a nossa tese se firma. Assim como a consciência é percebida em nossas relações de potência e de informações, a energia deve ser enxergada como um elo dessa conexão. Ela é a força que circula onde o virtual “toca” o real.

CAPÍTULO 5

CONSCIÊNCIA NA ENERGIA



Para começar aqui esse primeiro contato, Na história da filosofia, encontramos discussões profundas sobre o conceito de energia que remontam aos primeiros filósofos da Grécia Antiga. Por exemplo, Heráclito (535 a.C. 475 a.C.) enfatizava a constante mudança e interligação de todas as coisas por meio do conceito de “logos” ou “razão universal”. Ele propunha que a realidade é um fluxo contínuo, no qual todas as coisas são interdependentes e interconectadas.

Além disso, na Filosofia dos Vedas, originária da Índia antiga, encontramos uma abordagem ao conceito de energia. Em seus textos, eles exploram a natureza do universo e a relação entre o homem e o cosmos, trazendo o conceito de “Brahman”. Esse termo refere-se a uma realidade suprema e universal que permeia todas as coisas, destacando a interconexão de todas as formas de vida e a unidade subjacente à diversidade.

Essas perspectivas também encontram eco em tradições filosóficas e espirituais orientais, como o Budismo, o Taoísmo e o Hinduísmo, nas quais conceitos similares enfatizam a interdependência e a conexão entre todos os seres e elementos do universo.

Esses são apenas alguns exemplos dos pilares históricos e filosóficos nos quais se baseia o conceito de energia. É fundamental compreender que, ao longo da história, diversas abordagens e perspectivas exploraram essa ideia essencial, demonstrando como a com-

preensão da interconexão permeia diferentes culturas e épocas.

Se buscamos uma Filosofia autenticamente Brasileira, não podemos ignorar a sabedoria ancestral que brota deste solo. Os povos originários do Brasil oferecem uma cosmologia sofisticada onde o conceito de energia aparece não como uma abstração, mas como uma presença viva e negociável.

Para o povo Yanomami, conforme relata o xamã e pensador Davi Kopenawa em sua obra *A Queda do Céu*, a floresta não é apenas um conjunto de árvores. Ela é Urihi-a, a terra floresta viva. Kopenawa descreve os xapiri, espíritos que descem para dançar nos espelhos da terra. Eles são descritos quase como pura luz e imagem, entidades vibrantes que sustentam a ordem do mundo. Para os Yanomami, a energia é essa luminosidade incessante que anima a floresta e impede que o céu desabe sobre nossas cabeças.

Ao examinarmos etimologicamente a palavra grega *energeia*, que deu origem ao termo latino *energia*, percebemos sua evolução e complexidade ao longo do tempo. Aristóteles, em sua *Metafísica*, atribuiu à energia um significado distinto do que lhe damos hoje. Na analogia do escultor que transforma um bloco de mármore em uma estátua, a energia assume um papel vital, no qual a matéria se torna a parte atualizada pela energia

da forma.

Desde seu primeiro uso na filosofia, o termo “energia” careceu de uma definição precisa, sendo esclarecido por meio de exemplos concretos e analogias. Posteriormente, a ideia de energia se difundiu, tornando-se associada a divindades místicas, como no mundo cristão, o que mostra como essa concepção fundamental transcendeu fronteiras culturais e religiosas.

Diante dessa trajetória, podemos situar o conceito de energia em duas grandes linhas de pensamento. De um lado, temos aqueles que defendem a ideia de que a energia é uma espécie de substância quase tangível, um fluido vital ou uma presença que permeia todos os processos ao nosso redor. Do outro lado, encontram-se os que optam por uma definição mais técnica e simplificada, vendo a energia apenas como a capacidade de um sistema físico para realizar trabalho.

É nesse cruzamento de visões que surge a figura de Josep Lluís Domènech. Pesquisador vinculado à Universidade de Alicante, na Espanha, Domènech lidera uma corrente crítica fundamental sobre como compreendermos e ensinamos esse conceito. Em sua obra seminal sobre a reorientação global do tema, ele argumenta que a visão puramente operacional da física é insuficiente para captar a complexidade do fenômeno.

Se voltarmos nossos olhares para as tradições místicas e religiosas, a energia assume papéis divinos e es-

pirituais, atuando como a substância que conecta o homem ao sagrado. Por outro lado, o ceticismo científico, com sua postura cautelosa, busca explicar os fenômenos de maneira racional, empírica e matemática. O trabalho de Doménech e seus pares tenta justamente criar pontes, mostrando que compreender a energia exige mais do que cálculos; exige uma compreensão sistêmica da vida.

Atualmente, a energia através da eletricidade desempenha um papel central em nossa vida cotidiana, movendo máquinas, iluminando nossas casas e impulsionando nossos corpos. No entanto, essa aplicação prática é apenas a ponta de um iceberg. A energia é, de fato, muito mais do que sua utilidade visível: é uma entidade complexa, uma força que permeia corpos e ambientes.

CAPÍTULO 6

O CONCEITO DE ENERGIA



Aqui devemos embarcar juntos em uma viagem aos antigos conhecimentos sobre o conceito de energia. Diversos pensadores abordaram esse conceito dentro do buquê filosófico.

Primeiramente, percebe-se o quanto esse conceito é intrincado e permeia todas as manifestações da natureza.

"A ciência moderna é a realização técnica da metafísica grega", afirmou Heidegger, ao revelar como o pensamento ocidental reduziu o ser à disponibilidade e ao cálculo.

Nesse processo histórico, um nome ressoa com especial importância: Gottfried Wilhelm Leibniz, que introduziu o conceito de vis viva, uma precursora do que seria conhecido na ciência como energia cinética. Esse entendimento pioneiro do movimento levou a séculos de investigação até a formulação da Lei de Conservação de Energia. A energia cinética, como observamos nos movimentos cotidianos, revela-se como uma manifestação tangível da energia, representando a capacidade de realizar trabalho.

Autores como Friedrich Nietzsche, Henri Bergson e Gilles Deleuze exploraram conceitos além das fronteiras do corpo humano, introduzindo as ideias de "Força de Potência", "Élan Vital" e "Devir", respectivamente. Essas concepções desafiam a visão convencional da realidade, expandindo-a para além dos limites físicos e mer-

gulhando no reino do virtual e do criativo. São forças que moldam não apenas nossas ações, mas também o mundo ao nosso redor.

A jornada pela compreensão da energia nos conduz por séculos de pensamento filosófico e investigação científica. Das antigas concepções sobre a imutabilidade e a mudança, passando pela energia cinética perceptível em nosso cotidiano, até as forças criativas que transcendem o físico e alcançam o virtual, descobrimos que a energia não é apenas uma entidade abstrata, ela é dinâmica e impulsiona a realidade.

Ao tentar dar nome às coisas, o homem classificou a energia como uma força e até trouxe uma fórmula científica para formalizar seu entendimento sobre esse fenômeno. De certo modo, quando a física fala de $E = mc^2$, que, trocando em miúdos, quer dizer “energia é igual à massa multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado”, está se referindo ao efeito observado na realidade através do mundo empírico e científico. A energia é um conceito a se lapidar, não semente com as ferramentas matemáticas e numéricas, mas com o rigor e os preceitos da filosofia.

Onde está a energia? Quem é a energia?

Perguntas pertinentes, mas impróprias para o momento. Estamos aqui lapidando, construindo e desenvolvendo uma visão sobre esse conceito.

Vamos observar este conceito com atenção: a ener-

gia está subordinada à matéria ou se relaciona com ela de forma independente?

Seria possível conceber uma energia que atua, se manifesta ou se envolve sem depender da matéria?

Ou, talvez, poderíamos afirmar que matéria e energia são equivalentes, diferentes expressões de uma mesma substância?

Poderíamos até mesmo questionar: e se a energia não existisse?

Quais seriam as evidências que negariam sua existência? Há provas concretas que desvalidam esse conceito?

Nesta obra filosófica, partiremos do pressuposto de que a energia é, sim, um conceito real, algo tão fundamental quanto a consciência ou o pensamento. Ainda que abstrata, ela direciona e estrutura a forma como compreendemos o mundo. Estamos, portanto, lapidando uma ideia que molda a realidade, não apenas como grandeza física, mas como princípio que atravessa o sensível e o invisível.

As coisas se conectam em seu corpo, mas essa ligação de moléculas e átomos não é feita de graça. Corpos se deterioram. Observe o petróleo: um óleo que nasce da decomposição lenta de restos de seres vivos, animais e vegetais. Isso prova que a matéria pode se desgastar, fundir-se ao ambiente, mas parte de sua energia permanece. Sempre.

A proposta da física clássica descarta essa energia primordial que se encontra no ambiente e trabalha apenas com esse segundo plano da energia, aquela que já é efetuação, que já está na matéria, já constituída na forma.

Nikola Tesla (1856–1943), considerado um dos maiores inventores da humanidade, teve uma conexão profunda com o conceito de energia, transcendendo o entendimento convencional da humanidade sobre o assunto. Para Tesla, a energia ia além do que conhecemos e utilizamos. Hoje, entendemos a energia como a capacidade de realizar movimento, abrangendo diferentes formas, como a mecânica, a cinética, a gravitacional, a térmica e a elétrica. No entanto, essas formas de energia são efeitos, resultados de algo que já ocorreu.

Rudolf Julius Emanuel Clausius foi um renomado físico e matemático alemão, cujo trabalho é fundamental para o desenvolvimento da ciência da termodinâmica. Ele é amplamente reconhecido como um dos principais pioneiros nesse campo científico. Ao reafirmar o princípio de Carnot, conhecido como ciclo de Carnot, Clausius estabeleceu bases sólidas para a teoria do calor. Em seu artigo Sobre a Teoria Mecânica do Calor, publicado em 1850, apresentou pela primeira vez os princípios fundamentais da segunda lei da termodinâmica. Em 1865, ele introduziu o conceito de entropia, um marco crucial na compreensão do comportamento energético dos siste-

mas.

Sem dúvida, foi na esfera matemática que Clausius generalizou essas ideias. Sua contribuição culminou na criação de uma grandeza quantificável, conhecida como “entropia”. Essa lei fundamental da física revela que todas as mudanças físicas invariavelmente se degradam em calor, enquanto o próprio calor tende a se distribuir uniformemente entre os corpos. De forma menos precisa, essa lei transcende todas as convenções humanas; é a mais metafísica das leis da física, apontando diretamente, sem a necessidade de símbolos ou artifícios de medida, para a direção na qual o mundo se encaminha.

No entanto, o problema se torna insolúvel quando tentamos abordá-lo apenas dentro do âmbito da física convencional. Os físicos, ao vincularem a energia a partículas extensas, ficam limitados ao espaço físico. Mesmo que considerem as partículas apenas como reservatórios de energia, permanecem confinados ao espaço. Qualquer tentativa de buscar a origem dessas energias fora desse espaço físico seria uma traição ao papel do físico, um território onde as leis da física convencional perdem seu poder e deixam espaço para o reino metafísico das possibilidades cósmicas.

A vida, em sua diversidade infinita, tem uma essência comum: a busca pela energia. Observemos os seres mais simples, como a ameba. Este organismo microscópico, apesar de sua simplicidade, realiza movi-

mentos sensório-motores surpreendentes. Ao se deformar em direções variáveis, a ameba utiliza toda a sua massa para movimentos rudimentares. Contrariamente a organismos superiores, ela não necessita transferir energia para partes do corpo específicas, pois sua flexibilidade lhe permite mover-se de maneira indivisível e obter energia por meio da assimilação de substâncias orgânicas.

A vida animal, independentemente da complexidade do organismo, baseia-se na obtenção de energia e em sua utilização através de processos flexíveis e imprevisíveis. A ameba é um exemplo eloquente dessa simplicidade eficaz. Ela desliza graciosamente em seu mundo microscópico, revelando a essência da existência animal: um equilíbrio delicado entre adquirir vitalidade e gastá-la sabiamente.

Nessa existência, onde a vida se desdobra todos os seres vivos compartilham uma conexão profunda com a maior fonte de energia em nosso sistema: o Sol. Assim como as amebas, que vivem em um mundo invisível aos nossos olhos, todos os seres vivos, independentemente de sua complexidade, têm uma relação íntima com essa luminosa esfera celeste que nos ilumina. Contemplar criaturas tão singulares nos lembra de que, em sua essência, a vida é uma busca incessante por energia, uma relação eterna entre a obtenção e o gasto de vitalidade.

O calor e a luz do Sol alimentam ecossistemas in-

teiros, proporcionando a energia necessária para os processos vitais de plantas, animais e microrganismos. Cada organismo, desde os mais simples até os mais elaborados, depende da luz solar para sua sobrevivência. A energia radiante do Sol é capturada pelas folhas das plantas, desencadeando o intrincado processo da fotossíntese, que transforma a luz em energia química, e alimento, liberando oxigênio para o mundo.

A energia solar emerge como a fonte primordial de vitalidade, conectando todas as formas de vida. A estrela distante torna-se um participante ativo em nosso mundo. A energia acumulada nas plantas, armazenada em compostos orgânicos como a glicose, torna-se um reservatório de vitalidade para toda a vida na Terra. Quando os animais consomem esses alimentos, estão absorvendo, de fato, a energia solar transformada. Cada movimento, cada respiração, é alimentado pelo calor e pela luz do Sol, evidenciando a íntima ligação entre todos os seres vivos e a luminosa esfera celeste.

Mas seria essa energia apenas uma medida física, um fluxo químico, um dado objetivo?

Ou haveria também outro tipo de energia ,aquela que se manifesta no sentir, no vibrar da existência, no espanto diante do mundo?

Assim como o Sol aquece os corpos, há algo que incendeia a consciência. Sentir é, talvez, a forma mais íntima de reconhecer a presença da energia: não mais

aquela que move músculos, mas a que comove. Sentir é, de certo modo, reconhecer a presença invisível da energia que nos atravessa, aquela que anima o corpo, mas também desperta a consciência. Não se trata apenas de calor ou movimento, mas de uma força vital que nos comove e nos impulsiona ao gesto, à criação, à persistência.

CAPÍTULO 7
ENERGIA
NO SENTIR



“Os antigos não haviam erguido barreiras semelhantes nem entre a qualidade e a quantidade, nem entre a alma e o corpo. Para eles, os conceitos matemáticos eram conceitos como quaisquer outros, relacionados aos demais e inserindo-se de forma natural na hierarquia das ideias.”

(BERGSON - 1911)

Somos seres sentientes por definição. Talvez o aspecto mais desafiador dessa condição resida no fato de que o sentir é, acima de tudo, uma experiência íntima, única e profundamente pessoal.

Para a ciência e para a matemática, tudo precisa ser quantificável. Podemos medir a temperatura de um corpo, a pressão arterial ou a velocidade de um batimento cardíaco. No entanto, a sensação de calor, o aperto no peito causado pela angústia ou a aceleração provocada por uma paixão pertencem a uma ordem diferente. Elas são o que chamamos de intensidades puras.

Como bem argumentaria Bergson, a dor não tem tamanho geométrico. A tristeza não ocupa espaço físico. Portanto, tentar aplicar uma lógica matemática ou um algoritmo ao sentir é tentar capturar a água com uma rede de pesca. A experiência subjetiva, aquilo que os filósofos modernos chamam de Qualia, escapa a qualquer equação. O sentir é irredutivelmente pessoal e intransferível.

Podemos perceber sensações através dos órgãos

do corpo. Quando o estômago está vazio, sentimos fome; assim como, quando estamos com raiva, o estômago ou o coração podem ser afetados. Podemos também sentir que o relaxamento e a serenidade provocam alterações sutis em nosso corpo.

O fato é que estamos perpetuamente sentindo. O processo ocorre quer estejamos dormindo, acordados ou caminhando. Não existe pausa para a sensibilidade. Nosso corpo é, em essência, uma sofisticada máquina biológica projetada para sentir.

A inteligência humana está voltada para as relações com objetos materiais, racional, e isso nos impede de compreender plenamente o que é fluido e vital no mundo real. Os antigos não separavam esses conceitos em categorias isoladas, mas os viam como interconectados, partes de um todo. Para eles, os conceitos matemáticos, por exemplo, não eram considerados especiais ou superiores, mas integrados de forma natural ao sistema de pensamento.

O pensamento moderno, ao contrário, tende a criar divisões e barreiras rígidas entre diferentes domínios do conhecimento. Essa fragmentação limita nossa compreensão da realidade, pois a vida e a experiência são intrinsecamente complexas e interligadas. Em sua obra *Matter and Memory* (Matéria e Memória), Bergson explora a relação entre a mente, o corpo e a percepção.

Bergson argumenta que o sentir não pode ser re-

Partamos pois da ação, e estabelecemos como princípio que a inteligência tem como primeiro objeto fabricar. “A fabricação exerce-se exclusivamente sobre a matéria bruta, quer dizer: mesmo quando emprega materiais organizados, trata-os como objetos inertes, sem se preocupar com a vida que lhes deu forma..Portanto, se a inteligência tende a fabricar, pode prever-se que o que há de fluido no real lhe escapará em parte, e que lhe escapará totalmente o que há de vital no vivo. A nossa inteligência, tal como sai das mãos da natureza, tem como principal objeto o sólido inorganizado.”

(BERGSON - 1911)

duzido apenas à atividade cerebral ou a processos puramente mentais. Ele enfatiza a importância da experiência corporal e da intuição na formação do conhecimento. Para Bergson, o corpo não é apenas uma máquina física, mas participa ativamente da construção e da interpretação do mundo ao nosso redor.

Além de *Matter and Memory*, Bergson aborda o tema do sentir em outras obras, como *Creative Evolution* (Evolução Criadora) e *The Two Sources of Morality and Religion* (As Duas Fontes da Moral e da Religião). Nessas obras, ele explora a relação entre intuição, experiência direta e compreensão do mundo.

Bergson estabelece uma relação entre o sentir e o conceito de energia em sua filosofia. Para ele, a energia

desempenha um papel central na compreensão da realidade e na explicação do funcionamento do mundo, sendo concebida como uma força vital que anima e impulsiona a vida e a evolução. Ele a vê como algo dinâmico, criativo e em constante transformação. Em *Creative Evolution*, Bergson afirma que a energia vital (*élan vital*) é o impulso que move o processo evolutivo.

O sentir, portanto, não é apenas uma experiência subjetiva, mas também uma força ativa e criativa que molda nossa percepção e nossa relação com o mundo. É uma forma de energia vital que nos conecta com a realidade de maneira imediata e direta.

Para Bergson, o sentir desempenha um papel central na compreensão do mundo e na obtenção de uma visão mais profunda da realidade. Ele enfatizava a importância da intuição, não a intuição superficial do senso comum, mas a percepção direta e a experiência vivida como meios de acesso a essas novas possibilidades.

A intuição bergsoniana é um mergulho metafísico, um acesso direto à duração pura (*durée*), em que a consciência se funde com o fluxo criativo da vida, transcendendo a matéria para captar o *élan vital* em seu movimento originário. A intuição comum é apenas um palpite superficial, uma resposta rápida, baseada em experiências passadas, útil para decisões cotidianas, mas limitada ao mundo fragmentado dos sentidos.

Desde o início, três formas de extrair energia a partir do Sol estavam abertas ao homem. O selvagem, quando ele aquecia seus membros congelados em um fogo aceso de alguma forma, valeu-se da energia do Sol armazenada no material em chamas. Quando ele carregava um feixe de galhos para sua caverna e os queimou lá, ele fez uso de energia armazenada do Sol transportados de uma para outra localidade. Quando ele partiu para a canoa, utilizou a energia do Sol aplicado para a atmosfera ou o meio ambiente. Não pode haver dúvida de que é a primeira e mais antiga forma de energia. Um incêndio, acidentalmente, ensinou o selvagem a apreciar o benefício do seu calor. Ele, então, muito provavelmente, teve a ideia de levar os membros brilhantes para sua morada. Finalmente, aprendeu a usar a força de uma correnteza de água ou ar. É uma característica do desenvolvimento moderno que o progresso tem sido feita na mesma ordem. A utilização da energia armazenada na madeira ou carvão ou, de um modo geral, o combustível, que é levado ao motor a vapor. Ainda um grande passo em avanço foi feito no transporte de energia através da utilização de eletricidade, o que permitiu a transferência de energia proveniente de um local para outro sem ter de transportar o material. Mas, para a utilização da energia do meio ambiente, não tem nenhuma etapa radical adiante. Isso pode indicar que ainda há desafios a serem superados na utilização eficiente de fontes de energia limpa e sustentável

Tesla - Energia do Homem

A experiência sensorial, ao contrário do pensamento conceitual, nos coloca em contato direto com a realidade em sua totalidade. O conhecimento intelectual é uma simplificação da realidade, pois tende a fragmentar e separar os elementos da experiência.

A realidade não pode ser totalmente compreendida quando baseada apenas em análises conceituais ou generalizações abstratas, é preciso abertura para a intuição e para a vivência pessoal.

O sentir é a porta de acesso à energia.

Todo ser sente. E todo ato de consciência, por mais abstrato que seja, nasce de uma relação sensível com o mundo. Somos corpos que sentem, e não apenas estímulos físicos: sentimos símbolos, captamos sentidos, somos máquinas que traduzem constantemente o mundo em fluxos de significação.

Nesse sentido, o sentir simbólico é central. Vivemos imersos em signos, imagens, códigos e afetos, e é por meio deles que nos constituímos.

Deleuze propõe pensar a informação não como um conteúdo fechado, mas como um ato de diferenciação, uma “matéria informada” que atua no real, produzindo sentido, alterando estados e mobilizando forças. A informação, portanto, não é algo dado, mas algo que força o acontecimento. É um agenciamento, um vetor de transformação.

A energia é invisível para a maioria de nossos sen-

tidos, porém, assim como um dia o ser humano aprendeu a usar as mãos para manipular ferramentas, precisamos aprender a usar o sentir para manejar e utilizar a energia.

Nosso instrumento de relação com a energia é o corpo, um corpo domesticado, habituado a sobreviver, mas que, com a abertura para um mundo mais contemplativo, pode despertar novas percepções do universo energético.

Em nosso corpo, tudo o que queima dói. O sentir é esse alarme: um aviso de fogo que exige resposta. Quando falta comida, o corpo desperta a fome, ordem ancestral que nos arrasta à busca. Mas quando o sentir é forte demais, torna-se tormenta: a raiva que incendeia os nervos pode apagar o sistema. Corpo que sente em excesso desliga, como uma máquina sobrecarregada pelo próprio combustível.

É exatamente esse desligamento, essa pane sistêmica na nossa matriz energética, que o filósofo contemporâneo Byung-Chul Han diagnostica de forma magistral em sua obra *Sociedade do Cansaço*. Se a energia vital é o fluxo que nos conecta ao ambiente, o que acontece quando esse ambiente digital e capitalista exige que estejamos produzindo, consumindo e reagindo o tempo todo? Han nos alerta que o grande mal do nosso século não é mais a opressão imposta por tiranos de fora, mas a autoexploração. Nós nos transformamos em senhores

e escravos de nós mesmos, reféns de uma positividade tóxica e da obrigação do desempenho constante.

Nesse cenário de hiperatividade informacional, a nossa energia não flui e não se renova; ela entra em curto-circuito. O cansaço moderno que Han descreve não é o esgotamento físico e restaurador de quem caçou ou caminhou o dia todo. É um cansaço da alma, um infarto da nossa potência. O corpo, bombardeado por um ambiente que não permite o repouso contemplativo, aquele mesmo repouso que Bergson considerava vital para o florescimento da intuição, sofre um colapso. O burnout, a ansiedade e a depressão são as respostas trágicas de um organismo cuja energia foi sugada por um ambiente que só pede ação, roubando-lhe o direito ao silêncio e ao virtual.”

Um sopro que se sente na pele é uma lembrança de que o ar existe. E é por isso que estudamos esse elemento invisível da natureza. Já com a energia, nossa relação é mais delicada, pois ainda estamos aprendendo a senti-la e a lidar com a ideia de um campo mais sutil, mais virtual, da própria essência humana.

O que pode o corpo?

Muitas coisas pode um corpo. Coisas simples, coisas complexas e coisas que talvez nunca tenham sido feitas antes.

Para compreendermos essa potência, resgate aquela sensação estranha de quando encostávamos o rosto

ou as mãos bem perto das antigas televisões de tubo. Ali manifestava-se o conceito de campo eletrostático. Era um formigamento sutil, quase elétrico, vindo da tela e tocando a pele sem contato físico. Isso é uma imagem perfeita. É uma tentativa e um rastro do que pode ser o sentir. É uma faísca. É uma presença que não se vê, mas se percebe na superfície do corpo.

As pessoas sentem essa eletricidade e transformam isso em quadros, em músicas e em discursos. Elas sentem e, por isso mesmo, amam, brigam, perdoam, adoecem e florescem.

Para encontrarmos a cura contra o esgotamento moderno e o verdadeiro sentido de habitar-mos esse ambiente energético, não precisamos olhar para as teorias além-mar. A resposta pulsa sob os nossos pés, na sabedoria ancestral da América Latina. Nas tradições dos povos andinos, ecoa o conceito milenar do Sumak Kawsay, traduzido como o 'Bem Viver'. Diferente da lógica moderna do 'viver melhor' que exige sempre acumular mais energia, produzir mais e consumir o ambiente até o colapso, o Bem Viver propõe a harmonia plena. Ele nos ensina que a energia não é um recurso morto a ser extraído, mas uma teia viva de co-constituição da qual somos apenas um dos fios. Em solo brasileiro, o pensador e líder indígena Ailton Krenak nos alerta sobre o momento perigoso em que a humanidade se descolou da Terra, passando a ver a natureza como 'recurso' e a si mesma

como o centro isolado de tudo. A cura para a sociedade do cansaço é, segundo Krenak, 'pisar suavemente na terra'. É recuperar a capacidade de respirar junto com o mundo, de reconhecer que rios, montanhas e florestas são extensões do nosso próprio corpo bioelétrico. Para adiar o fim do mundo, Krenak nos convida a cantar e a dançar, pois a dança não produz nada de útil para o capitalismo, mas produz a maior de todas as intensidades: a alegria vital.

Essa é a síntese da verdadeira Filosofia da Energia. Se somos, como vimos através de Spinoza, Bergson e da biologia contemporânea, feixes de potência imersos em um vasto oceano de informações ecológicas, não fomos projetados para o curto-circuito da produção infinita. Fomos feitos para o fluxo. A energia que nos atravessa exige ser sentida, respeitada e celebrada.

Compreender a Energia, afinal, não é uma equação para se resolver num quadro-negro. É o despertar de uma consciência ecológica profunda, onde o corpo, o pensamento e a natureza vibram, inseparáveis, na mesma frequência.

Sentir é um ato. É um agora. É um acontecimento que só existe porque o mundo, antes de ser substância sólida ou coisa inerte, é fundamentalmente virtual e energético.